



Há sempre uma razão

Poesias de Pérez Filho

pérez filho

HÁ SEMPRE
UMA RAZÃO

poesias

2ª edição

À esposa, Vera, mulher companheira e apoio de muitas alegrias e tristezas; aos meus filhos, Luiz Carlos, Maria Lúcia, Francisco e Hélio Jr.; que nasceram de nós e mais, são partes ainda, de nós mesmos; aquela homenagem, cheia de carinho daquele que os verá criança-homens moça-mulher.

Pérez Filho

=====

À Prefeitura Municipal de Bauru, na pessoa do chefe do Executivo, Osvaldo Sbeghen;

Ao "Jornal da Cidade", os agradecimentos por permitirem que todos me lessem e que eu me contasse.

Pérez Filho

CAPA

Auto-retrato do poeta

PREFÁCIO

Nelise Melro Salzedas

EDITORAÇÃO E ILUSTRAÇÃO

Aucione

EDITORAÇÃO 2ª EDIÇÃO

Carlos Fernandes

REVISÃO 2ª EDIÇÃO

Val Laginski

www.perezfilho.com.br

Anteceder ao texto é perigoso: prevenimos o leitor, tirando-lhe o fruir da poesia e tornamo-nos enfadonhos em dizer o que há, antes de o haver.

Mas, vamos lá. Poremos palavras estimulantes, meio-neutralizadas, e deixaremos o coração contar. Há no livro muitos tempos e tempos de muito sentir. Desde trovas, Quadras ligeiras, coleantes ao Cancioneiro Popular; Sonetos clássicos, em sua estrutura; Sextilhas sonoras, sem rimas fixas; estrofes sem divisões à livre composição estão presentes.

O Pérez é pintor plástico e poeta, é artista. Expressa a Arte em sua plenitude.

Tanto o pictórico, a escultura, a poesia, obedecem a um só molde estético. A sua expressão é de grande coerência; vai do popular ao mais clássico, sem adentrar pela vanguarda ou experimentar a ruptura. A sua intuição manifesta-se linearmente.

A temática, poucas vezes, cristaliza-se na objetividade; os motivos poéticos são costurados pelo subjetivismo. Outras vezes, no mesmo poema, o objetivo e o subjetivo se interpenetram em fusão corpórea. Os textos poéticos iniciados com o distanciamento do eu perdem-no, em poucos versos, pois, um possessivo aparece de súbito, e termina por injetar de subjetivismo todo o texto restante. Embora existam traços marcantes de mágoa, a esperança indelével da vida equilibra a dor do sentir. Recordações líricas, evocações de dias idos, arquetam a volta do poeta à infância, envolvida, quase constantemente, pela solidão interior. Privado de grande parte de sua visão natural, o poeta passa a ver a vida, o mundo, com a visão interior, daí uma certa angústia do tempo, de tatear o abstrato, de abstrair o concreto... Os versos de Pérez tocam à sensibilidade do ser embalados de recordações e de esperanças.

Não pretendemos valorar-lhe os poemas. Damo-los ao leitor, sabedor do momento certo de lê-los e de escolher o cenário adequado às vozes do interior e estímulos do estar aqui. Entretanto, nos mostrará que, "HÁ SEMPRE UMA RAZÃO de se viver mais próximo de uma flor, e de se transformar o canto em pássaro liberto".

Nelise Melro Salzedas

trovas

TROVAS

Meus olhos hoje tateiam
em busca da imagem tua.
São como as sombras que anseiam
acariciar minha rua.



Sofrer calado e chorar
É tapeação de mau gosto.
Bom mesmo é fingir gritar
pra afugentar um desgosto.



As chuvas dos meus momentos
não são chuvas de verão.
São gotas de pensamento
nascidas de uma ilusão.



Rabiscos sem pretensões
ou formas pré-concebidas,
são mostras das ilusões,
que fazem parte da vida.

TROVAS

Os olhos meus quando choram
evitam os olhos teus.
Nos olhos teus só demoram
os risos dos olhos meus.



Página de esperança,
que brinca com a verdade.
Página de criança,
que nunca sentiu saudade.



A noite sem violão,
seresteiro ou sonhador,
vida sem ilusão,
é coração sem amor.



Os versos que eu deixo aqui
talvez não tenham valor,
pois, até agora só vi
a vida com muito amor.

TROVAS

Os beijos que eu não te dei
ficaram nos lábios meus.
Os beijos que eu te roubei
fugiram dos lábios teus.



As flores sem os espinhos
que nascem no mesmo teto,
são uma vida sem corpo,
um coração sem afeto.



Cada um tem o que quer,
ontem, hoje e até depois.
O moço quer a mulher
e o velho, feijão com arroz.



Eu creio que a falsidade
é companheira da dor,
é a lágrima da verdade,
mentindo aos olhos do amor.

TROVAS

Lá fora, da chuva a água
molhando a terra se vai.
Difere da minha mágoa,
que do meu canto não sai.



Nada mais que uma ilusão
que não se apaga jamais.
Nada mais que um coração
querendo amores demais.



Estrelas: gosto de vê-las
mesmo sem alcançá-las.
Estrelas: gosto de amá-las
mesmo sem compreende-las.



Quem fala em humildade
e dela lições não tira,
começa numa verdade
acaba numa mentira.

TROVAS

De todas que vão passando,
palavras boas ou fúteis,
nós vamos aproveitando
aquelas que nos são úteis.



Eu hoje acordei disposto
para o que der e vier.
Enfrento qualquer desgosto,
enfrento até a mulher.



Eu nunca pensei, confesso,
pudesse viver sonhando.
É bom assim eu despeço
minha tristeza cantando.



Sem métrica ou sem rima,
o verso é falso, eu acho.
Tem desencontros cá em cima
e confusões lá em baixo.

TROVAS

As lágrimas no meu rosto
E a solidão nos meus braços
são como o alegre desgosto
na máscara de um palhaço.



Por todos os meus caminhos,
amor, flores deixei.
E hoje só vejo espinhos
porque poeta voltei.



O pássaro preso chora
o canto que alegra o dono.
Eu canto liberto, embora
chorando meu abandono.



Tu ontem me perguntaste
por que só chora quem ama.
Tolinha. Não me beijaste?
Pois quem não chora não mama.

TROVAS

Eu tenho pena da lua,
que espera pacientemente,
que volte outra vez pra rua,
o seresteiro contente.



Que coisa incrível, meu Deus!
São frases pra todo lado.
Será que esses versos meus
merecem maior cuidado?



Creio que vou penar,
querendo cantar estrelas,
pois preciso no olhar,
ter muita luz para vê-las.



A noite sem trovador,
seresta ou violão
é sentimento sem dor
ou vida sem coração.

TROVAS

São pensamentos modestos,
que vêm, que passam, que vão.
Como das plantas os restos
de folhas secas no chão.



A noite sem as estrelas
com suas luzes em festas,
poesia sem rima
ou violão sem seresta.



Se tudo seu preço tem
pelo crediário ou vista,
felicidade também
faz parte de toda lista.



A água límpida e pura
que passa por sobre a lama,
são mãos cheias de ternura
por sobre as mãos de quem ama.

TROVAS

O vento passa disperso,
violento como o açoite,
calando a voz do meu verso
na poesia da noite.



Os olhos teus são dois sóis
clareando as sombras dos meus.
A luz e a sombra entre nós
são dois presentes de Deus.



Eu desconfio que a saudade
é muito amiga da dor,
pois é a única verdade
numa mentira de amor.



Os olhos teus são amigos
E a vida dos olhos meus.
Os olhos meus são abrigo
das luzes dos olhos teus.

TROVAS

Quem espera sempre alcança,
das frases é a mais bela.
A esperança já não me cansa
de tanto esperar por ela.



Eu deixo sem pretensões
de glória pré-concebida
as páginas de ilusões
do livro imenso da vida.



Mãezinha, neste teu dia,
tão lindo e de muita flor,
tua bênção será a alegria
beijada por meu amor.



Eu sou o palhaço risonho
de um circo pobre que passa.
Por isso o meu triste sonho
provoca risos sem graça.

TROVAS

Quadrinhas me dão saudades
dos tempos os mais diversos.
Diziam tantas verdades
brincando de fazer versos.



As mãos que não sabem dar
também não sabem pedir.
São vidas que estão chorando,
porque não sabem sorrir.



Estamos sempre juntinhos,
sentindo o tempo passar.
Felizes nós dois, velhinhos,
que ainda somos um par.



Eu ontem corri demais
e hoje parei no pranto.
Eu ontem olhei pra trás
e hoje não choro, canto.

TROVAS

As flores sem os espinhos
que nascem no mesmo teto,
é o caminhar sem carinhos
de um coração sem afeto.



Velhice não é segredo
e nem tão pouco vaidade.
Velhice é viver sem medo
de sempre sentir saudade.



Escrevo, às vezes, saudade,
lembrando das coisas belas.
Escrevo, às vezes, vaidade,
lembrando das coisas delas.



Eu ontem feri caminhos
e hoje voltei de amores.
Eu ontem chorei de espinhos
e hoje sorri de flores.

TROVAS

Gosto tanto das estrelas,
com suas luzes em festas,
que eu gostaria de vê-las,
de novo ouvindo serestas.



Eu quero morrer beijando
teu beijo cheio de vida.
Tu queres viver cantando,
meu beijo de despedida.



Amores de todo lado,
vivê-los hoje espero.
Amores do meu passado,
lembrá-los hoje não quero.



A minha razão de ser
tem suas razões também.
Por isso não vou querer
tirar razões de ninguém.

TROVAS

Quem canta seu mal espanta,
por isso eu não choro tanto.
Até meu amor se encanta,
ouvindo meu triste canto.



Eu sou como a folha seca
que a tanta gente dá pena.
agitada no ar,
mas quando cai é serena.



Falar em felicidade
e sempre esperar por ela,
é pretender a verdade
sem ir à procura dela.



Teus lábios sensuais beijar,
me faz um mortal eterno,
dormir no Céu e sonhar,
para acordar no inferno.

TROVAS

Eu sou um Pierrô tristonho,
cumprindo sua triste sina,
alimentando seu sonho
de possuir Colombina.



Disseste-me que a estrutura
dos versos meus é a mágoa.
Não sabes que a lama impura
vive aos carinhos da água?



Meu ontem foi de sonhar,
de amores e fantasias.
Meu hoje é transformar
as dores em alegrias.



O meu agora não deve
no meu futuro pensar.
Meu amanhã será breve,
ou será só de esperar?

poesias diversas

MEU PRIMEIRO AMOR

Eu não esqueço o meu primeiro amor,
por mais que o tempo intransigente passe,
deixando outros amores a compor
o canto alegre, ou triste em minha face.

Sinto seus beijos no meu rosto ainda,
mas do seu rosto os meus já se apagaram
e os seus abraços de ternura infinda,
dos meus abraços já se separaram.

Tanta meiguice havia nos olhos seus,
que ela fazia do seu próprio pranto
terno consolo para os prantos meus,
como se eu fosse para ela um santo.

O meu primeiro beijo eu tento em vão
lembrar, no entanto eu sei que ela sentiu,
pois, com firmeza diz-me o coração
que, ao recebê-lo, minha mãe sorriu.



CONSUMATUN EST

Deitado sobre a Cruz, braços abertos,
sentindo agudos cravos perfurando
as mãos e os pés de sangue já cobertos,
Jesus sentiu o fim se aproximando.

Jesus abrindo os olhos viu à sua frente
o rosto duro e o gesto violento
daquele homem rústico, inconsciente,
dos homens maus apenas o instrumento.

Ficou com pena dele. Era o forte
pensando destruir ao que julgava
fraco, o que não lutava contra a morte,
que sobre aquela Cruz se aproximava.

Jesus sobre o madeiro já pregado
olhando para o Céu pediu ao pai
que perdoasse aquele que cercado
de inconscientes em pecado cai.

Já em seu lugar, o Cristo sobre a Cruz.
Tudo é silêncio agora. A dor se cala.
O Céu sombrio se inflama. Foge a luz.
E o CONSUMATUN EST a terra abala.

E desde então, estrelas salpicando
pingos de luz em todos os caminhos
é a mão do Pai que passa abençoando
em cada passo uma coroa de espinhos.

E quando o sol a natureza aquece,
trazendo um novo dia de amor e luz,
é a mão do Pai que passa e oferece
em cada sombra a imagem de uma Cruz.

Será que a humanidade sabe ver
que só o amor à vida nos conduz
e são felizes os que sabem crer?
Será que alguém se lembra de Jesus?

SONHO QUE CONFORTA

Eu sou um barco a mais lançado ao mar,
tocado pelas ondas do destino,
indiferente às horas de pousar,
como se o mundo fosse pequenino.

Eu sou a estrela, aquela pequenina,
que deixa ver da noite seus enredos,
como se fosse o olhar de uma menina,
iluminando todos os brinquedos.

Eu sou a ingênua árvore que abriga
o viajor cansado que a procura,
como se fosse a mão Divina e amiga
abençoando o fim de uma aventura.

Eu sou o vento que passa acariciando
as águas e as pedras dos caminhos,
como se fosse a mão materna deslizando
pelo seu filho a lhe fazer carinhos.

Eu sou a chuva que passa e vai molhando
a terra fértil, alegrando as flores,
como se fosse um pássaro cantando
aqui e ali, cantando seus amores.

Eu sou o violão, humilde companheiro
das noites tão festivas de serestas,
como o sorriso do luar brejeiro,
ornamentando corações em festas.

Eu sou enfim, o sonho que conforta,
dormindo a realidade de esperar,
temendo ouvir um dia à minha porta
a saudade bater pra me acordar

CONSELHO

Fecha os olhos à beleza das flores,
ao sol, ao Céu, as luzes das estrelas
e à natureza refletindo cores,
pois só quem ama a vida pode vê-las.

Cala-te sempre para que não digas
palavras de consolo, de perdão,
amor, enfim, palavras tão amigas,
pois só quem cala não blasfema em vão.

Não ouças nunca os pássaros cantores,
a chuva, o vento, a voz de uma criança,
a música, a poesia, os trovadores,
pois, só quem canta, essas canções alcança.

Mas se ouvir não queres meu conselho
e vives tudo que meu verso diz,
segue sorrindo e olha-te no espelho.
Verás alguém que sabe ser feliz.



MEU VIOLÃO E EU

Tu me acompanharás,
violão amigo,
pelo meu mundo
farto de carinhos
e compreensivo
seguirás comigo
amando flores,
aceitando espinhos.
À noite encontraremos
nosso abrigo
por entre esses
cantores passarinhos
e dormiremos
sobre o mais antigo
e enluarado leito
dos caminhos.
Meus dedos trêmulos,
envelhecidos,
farão voltar
nas cordas, comovidos,
nossa seresta
que ficou pra trás.
Depois faremos
juntos uma canção de amor,
uma mensagem
aos seresteiros
que não voltam mais.

EU SOU

Eu sou a alegre estrela que antecede
a outras tantas pela noite em festas,
ou o luar ingênuo que precede
as horas esquecidas de serestas.

Eu sou a água pura que desliza
por entre pedras e lamas e não se turva
sobre a aspereza agreste e imprecisa
de um leite ante o qual jamais se curva.

Eu sou a luz do sol que aclara o dia,
que aquece a natureza e que sorrindo
se entrega à cotidiana sinfonia
indescritível de calor infindo.

Eu sou a nuvem que passeia e faz
evoluções tocadas pelo vento,
quando agitada se desmancha e traz
chorando sobre a terra novo alento.

Eu sou a vontade férrea de seguir
lutando, à frente consolando alguém,
ou a humildade terna de servir
e se preciso for, chorar também.

Eu sou o pássaro feliz, liberto,
que canta o Céu azul e volta ao ninho,
ou uma pedra bruta sem destino certo,
indiferente, à beira do caminho.

Eu sou o cansaço do trabalhador
da enxada ao ombro que sulcou a terra,
ou o descanso terno de uma flor
que nasce e vive onde o cansaço encerra.

Eu sou o pranto alegre de um palhaço
em forma de um sorriso mascarado,
ou o sincero e fraternal abraço
em forma de um instante desejado.

Eu sou o pesadelo que amedronta
na escuridão das noites mal dormidas,
ou da manhã festiva que desponta
o sonho de esperanças aquecidas.

Eu sou enfim o nada desse tudo
na poesia que caminha a esmo,
ou um poeta alegre sem contudo
tirar a dor de dentro de si mesmo.

DIÁLOGO

Vagando só, por todos os espaços
do meu quintal, alegre e bem disposto,
vou levar minha manhã de abraços,
sentindo o sol acariciar meu rosto.

Da terra flores, árvores, folhagens,
pelo sereno ainda gotejantes,
parecem transbordar suas mensagens
de paz, sobre meus passos deslizantes.

Em cada pétala de flor oscila
um murmúrio de vozes coloridas,
depois que a brisa da manhã tranquila
deixou do orvalho lágrimas sentidas.

E bom ouvir, no amanhecer de um sonho,
vozes humildes de belezas tantas,
quando a falar com ela me disponho,
como se ouvisse ou entendesse as plantas.

Nos meus caminhos verdes de seguir,
as folhas secas dançam pelo chão,
onde os contrastes fazem-me sentir
que o meu diálogo não foi em vão.

MEU CANTO TRISTE

Eu acordei meu canto triste,
que há muito tempo em mim adormecia
e despertei a mágoa que resiste
a timidez da minha fantasia.

Entrelacei os gritos do meu pranto,
agasalhados pela indiferença
e afugentei as vozes do meu canto,
testemunhas fiéis da minha crença.

Olhei no Céu os pássaros voando,
sempre a cantar felizes e libertos
e desejei os passos meus cantando
canções de caminhar por rumos certos.

Olhei na tarde estrelas salpicando
pingos de luz na imensa escuridão
e desejei os sonhos meus deitando
gotas de fé na minha solidão.

Eu vi no olhar do Cristo a dor sorrindo,
no corpo seu as chagas perdoando
e agudos cravos que, suas mãos ferindo,
em rubras flores vão se transformando.

Me causa inveja ver o sol contente,
esparramando sua luz com graça
e a sombra que o persegue, indiferente,
que, espreguiçando, não diz nada e passa.

Se eu vejo à minha volta luzes, flores,
cantos de fé e gestos de perdão,
afugentando instantes de temores,
meu canto triste eu acordei em vão.

ONTEM E HOJE

Eu ontem dormi de espinhos
e hoje acordei de flores
Eu ontem feri caminhos
e hoje voltei de amores

Eu ontem beijei as águas
e hoje de pedra estou.
Eu ontem vesti as mágoas
e hoje despido estou.

Eu ontem molhei a planta
e hoje colhi a flor.
Eu ontem olhei a santa
e hoje sorri de amor.

Eu ontem olhei pra trás
e hoje estou bem contente.
Eu ontem busquei a paz
e hoje eu olho pra frente.

Eu ontem olhei pra trás
e hoje não sofro tanto.
Eu ontem chorei demais
e hoje não choro, canto.

Eu ontem dei esperanças
e hoje ganhei vaidades.
Eu ontem sorri criança
e hoje chorei saudades.

Eu ontem não vi o altar
e hoje vejo uma Cruz.
Eu ontem não quis rezar
e hoje quero Jesus.

Eu ontem feri de açoites
e hoje acalanto estrelas.
Eu ontem sorri das noites
e hoje choro não vê-las.



EU SOU DE ONTEM

Eu sou de ontem,
dos Pierrôs
tristonhos,
das sensuais,
volúveis
Colombinas,
dos Arlequins
audazes
e risonhos,
das canções antigas
e canções meninas.

Eu sou de ontem,
dos lampiões
poéticos,
bisonhos,
das casas
e das ruas
pequeninas,
dos seresteiros
que embalavam
sonhos,
com suas canções
de amor
pelas esquinas.

Eu sou de ontem,
dos namoricos
e das sinhazinhas,
das perfumadas
cartas
escondidas,
das praças,
dos coretos,
das valsinhas.

Eu sou de ontem
que ficou
pra trás,
das horas
de ternura
bem vividas,
lembradas
hoje
como nunca mais.

RECEIO

Se é verdade que o amor é isso
que fazem por aí, em nome dele,
eu sinto muito, mas pensando nisso,
os meus caminhos eu passei sem ele.

Se é verdade que o amor nasceu
humilde e indiferente às mutações
nocivas do caráter, recebeu
tantas nuances e transformações.

Se é verdade que sentido pranto,
apenas por amor eu derramei,
receio que o sorriso do meu canto
levou ao nada, tudo o que eu amei.

Se é verdade que o amor norteia
um pensamento terno e tão risonho,
eu tenho fé na conversão alheia
e que o receio seja apenas sonho.

Se é verdade que eu ainda passo
cantando versos com amor profundo,
deixando em cada estrofe o meu abraço,
que é quase nada em troca do meu mundo.

DOS CARNAVAIS

Dos carnavais,
confetes multicores,
esguias ondulantes
serpentinhas
e as belas e volúveis
Colombinas,
lembram somente
os velhos sonhadores.

Dos carnavais
as máscaras felinas,
Pierrôs tristonhos
a morrer de amores,
e Arlequins, audazes
trovadores,
restam apenas
nas canções meninas.

Dos carnavais,
Palhaços, Dominós,
Pierretes lindas,
que brincavam sós,
não voltarão,
por certo, nunca mais.

E os meus ingênuos versos
vem comigo,
lembrar de um mundo
lírico e antigo,
o que ficou em mim
dos carnavais.

FOLHAS SECAS

Eu gosto das manhãs
deste verão que traz
o sol de raios
tão ardentes,
quando meus passos
frios e indiferentes,
ferem inertes
folhas secas
pelo chão.
O meu olhar sorri
uma canção
ao ver nascerem
plantas inocentes
e as flores
que se abrem
tão contentes,
sentindo o orvalho
em gotas de emoção.
O sol em mim também
chegou sorrindo,
acariciando
o corpo meu, subindo,
deixando a luz
em pingos de ilusão
Queria ser a planta
que floresce,
a flor humilde
que se abre e cresce,
mas nunca
folhas secas
pelo chão.

TALVEZ

As noites
de mistérios
insondáveis
exaltam
pensamentos
impossíveis
e impalidecem
as inimitáveis
luzes das estrelas
mais sensíveis.
As tardes sensuais
e insaciáveis,
com seus poemas
quase indescritíveis,
ferindo páginas
invioláveis,
segredam frases
imperceptíveis.
E as manhãs
de vozes tão amigas,
feridas pelo vento
se calaram,
privando o infinito
de cantigas.
Talvez as tardes,
as manhãs
as noites,
brincando
ingenuamente,
me mandaram
todos os beijos
com sabor de açoites.



MULHER

Mulher,
planta que nasce,
ri, chora, brinca,
indiferente
ao sol, à chuva, ao vento.

Mulher,
árvore que cresce,
canta, ri, dança,
abriga nos seus braços
de folhas verdes
as plantas
que nascem
a sua sombra,
do sol, da chuva, do vento,
indiferente
ao tempo que não para.

Mulher,
árvore
que envelhece,
estende
as suas mãos
de folhas secas,
abençoa
suas plantas
que vão em busca
de outras plantas
ao sol, chuva, ao vento,
canta, ri, chora,
indiferente
ao seu fim
de ficar só.

NÃO SOU SENHOR

Não sou senhor
das alegrias
do mundo,
para cantar sozinho,
no momento
de extravasar um breve
pensamento tão
fantasista e
do amor oriundo,
mas gostaria de levar
nos braços,
as flores dos
caminhos que me restam
e não as pedras rudes
que ora infestam
as margens imprecisas
dos meus passos.
Não sou senhor
do alheio sofrimento
que, às vezes,
me impressiona
e cala fundo,
quando ferindo
meu cantar profundo
reaviva minhas
horas de tormento,
mas gostaria de ver
os que protestam
vivendo em pleno
circo de fracassos,
não no sorriso amargo
dos palhaços,
mas nos aplausos
que as plateias prestam.
Não sou senhor
no instante de julgar
e, altivo, friamente,
condenar a lágrima,
o sorriso, o mal e o bem.
Mas gostaria
de ver em cada rosto
que passa, não
a marca de um desgosto,
mas um sorriso

franco de coragem.
Não sou senhor
para levar perdão
e sim mais um
sofrido coração
que espera do Senhor
perdão também.

CAVALGADA

Montei o meu cavalo imaginário
e cavalguei meu corpo solitário
pelas distâncias do meu mundo infindo.
Em luta aberta contra o bravo vento,
veloz e astuto como o pensamento,
ferindo o chão fui indo, indo, indo,
até que anoiteceu meu abandono,
agasalhando as sombras do meu sono
sobre a nudez das pedras dos caminhos.
Adormeci de chão as minhas noites,
as árvores e as flores como açoites
beijando-me cobriram-me de espinhos.
Do amanhecer dos meus cabelos brancos
o orvalho em forma de sorrisos francos
molhou meus olhos tristes que se abriram
e logo preparando-se sorriram
para aceitar do amigo sol o beijo.
Do meu cansaço, divagando ao léu
por entre as árvores, ferindo o Céu,
meus olhos se emaranham no desejo
de misturar-se aos pássaros, trocar
meus passos trôpegos de debandar
pelas pequenas asas flutuantes,
voar, voar indefinidamente,
viver em liberdade eternamente,
cantando agora muito mais que antes.

A ANGÚSTIA DO TEMPO

A angústia do tempo
deixa em meus cabelos
a sua marca
impiedosamente.

No entanto,
eu gostaria de vê-los
ao lado meu seguindo
tranquilamente.

Nas minhas noites rondam
pensamentos,
ameaçando
sorrateiramente,
sem ver que eu luto
para combatê-los,
sorrindo às ameaças,
frente a frente.

A angústia do tempo
busca interromper
a minha caminhada
e entristecer em mim
os meus momentos.

O tempo é infinito
e um bravo,
mas a angústia
escravizada
sente e me faz
escravo
da fé somente.



POEMA DE LEMBRAR MINHA MÃE

Esta noite
adormeci menino,
ouvindo o silêncio
dos chinelos
de arrastar
seus passos.

Esta noite
adormeci menino,
vendo seu corpo
vergado aos anos
de ferir trabalhos.

Esta noite
adormeci menino,
sentindo suas mãos
envelhecidas
de abençoar,
deslizando
pelos meus cabelos.

Esta noite
adormeci menino,
ouvindo sua voz
de cantar carinhos
dizer: Dorme, filho.

Esta noite
adormeci menino,
sentindo nos meus olhos
de sonhar
brinquedos
as lágrimas
dos seus olhos
de velar cuidados.

Esta noite
adormeci menino,
ouvindo sua voz
de silenciar
um dia
dizer: - Acorda, filho.

Esta noite
adormeci menino,
e acordei envelhecido
de dormir sonhando
com as lágrimas
que não eram

dos seus olhos,
pois, se fossem,
o meu olhar
teria mais luz
e menos saudade.



POEMA DA MINHA RUA

Quando lá fora
cai a chuva fina
lavando a cara suja
da calçada
e de poças d'água
canta e se ilumina
a minha rua
escura
e tão calada;
quando lá fora
o sol aparecendo
por entre as nuvens,
vagas dançarinas
e as sombras
preguiçosas
vão crescendo
na minha rua
em horas vespertinas;
quando lá fora
a noite
traz estrelas
para enfeitar
de luz
a escuridão
e eu saio, ávido
de vê-las levar
da minha rua
a solidão;
quando lá fora
os versos
que eu componho
caminham sós
e tão resignados
e suas imagens
são apenas
sonho
ferindo a minha rua
de ideais sonhados;
quando lá fora
tudo tem seu preço
e a vida passa
em louca mascarada,
à minha rua,

sonhando,
eu ofereço
a realidade de ter sido nada.

OS SORRISOS PASSAM

Passam por mim
sorrisos desiguais
e de amizade alguns,
os mais dispersos;
passam do amor
sorrisos divinais,
como os sorrisos francos
dos meus versos.

Passam sorrisos ternos
e maternais,
muitos, talvez,
em lágrimas imersos;
passam sorrisos
infantis, geniais,
pelos brinquedos
quase submersos.

Passam por mim
sorrisos de perdão,
ornamentando
a vida de meiguice,
Como a mostrar
que caminha em vão
quem não sorri.

Feliz da vida
eu tanto me envaideço,
vendo sorrir a infância
e a velhice,
que o meu sorriso,
às vezes,
eu esqueço.

SEM DESTINO

Sem destino
é a folha seca
que cai, o vento
agita e não
se ergue mais,
é a água tranquila
do rio que vai
beijando a lama
sem olhar atrás.
É sem destino
a flor que nasce
e sai ao tempo
e murcha e
se desmancha em paz,
é a nuvem que escurece
e se contrai
e se transforma
e chora e
se desfaz.
Sem destino são
as ondas do mar,
num ritual
de espumas
agitadas
que vêm e vão
com medo de ficar.
É sem destino
a página
de um sonho,
pelo silêncio de emoções
caladas nos
infinitos versos
que eu componho.

OTIMISMO

Nasci pobre,
humilde sonhador,
qual um Pierrô
amando Colombinas,
que entre confetes
e entre serpentinas,
viveu boêmios
carnavais de amor.

Nasci feliz,
poeta cantador,
cantarolando em todas
as esquinas,
canções antigas
e canções meninas,
em noite fria
e em noite de calor.

Nasci pintor,
amando as alvas telas,
como se fossem
luzes
das estrelas,
iluminando todas
as estradas.

Nasci de Deus,
meu grande e velho
amigo, que,
de mãos dadas,
seguirá comigo
até o fim de todas
as jornadas.

PRIMAVERA

Tudo palpita
e em lindos tons
floresce nas asas
multicores
da primavera,
a luz se enrosca
pelos troncos,
cresce e a natureza
inteira reverbera.

A ave canta
e como numa prece,
a saltitar
por sobre a verde hera,
seu canto alegre
a Deus ela oferece,
vivendo a eterna
e musical quimera.

Canta também,
meu velho trovador.
Tua caminhada de
apreensões
acoberta, esquece
e canta uma canção
de amor.

Esquece as mágoas
que a saudade traz
e o teu sorriso
sonhador desperta
num longo instante
como nunca mais.

NÃO SOU POETA

Risonha me disseste,
ao ler meu verso,
que eu nada sei
de amor
e que profundo
fere meu rosto
a imensa dor
do mundo
e o meu olhar
em sombras
tenho imerso.
Que o teu amor
do meu é bem diverso,
pois és mulher
e eu sou poeta
oriundo das
coisas tristes
que calaram fundo,
deixando o amor
disperso.
Mulher, não sou
poeta; eu vivo
apenas para,
entre os Judas
e entre as Madalenas,
cantar da vida
as emoções
mais belas.
Eu sou um sonhador
feliz que espera,
nas trevas
ver a luz
da primavera
e nas impuras mãos
brilhos de estrelas.

SERESTA

Que som sentido
que o meu quarto
assola e me
entristece tanto?
Será que alguém
cantando pede
esmolas e o seu sofrido
canto lhe traz
a paz que o coração
consola?
Quem sabe a noite
com seu negro manto
veio inspirar
alguém que, triste,
imola uma saudade
e esse doce canto
traz a paz que
o coração consola?
Teu canto triste
é pra chamar alguém
que há tanto esperas
mas não vem?
Se sofres
seresteiro,
canta mais.
Se essa seresta pode
consolar,
não cales nunca mais
o teu cantar,
pois quem cala
sofre muito mais.

O VENTO PASSA

O vento passa
e as árvores balançam
seus braços verdes,
como se dançassem,
e as folhas secas
agitadas
dançam, como
se ao chão
elas não mais voltassem.
Do mar bravio
as ondas não se cansam,
beijando a areia
como se tentassem violentar
as águas que as tocassem.
A flor oscila, vai
se contraindo
e o orvalho tremulante
deslizando como
uma lágrima
de dor caindo.
Os ondulantes
pássaros com graça,
sorrindo evoluções
seguem voando,
enquanto o vento
indomável passa.

sonetos

IMAGENS

Emaranhando-me entre as minhas telas
de cores arrojadas possuídas,
onde as imagens dançam, todas elas
de sentimentos e ilusões feridas;

Tintas azuis, vermelhas, amarelas
e tantas cores, quedam-se perdidas
sobre figuras simples, umas belas,
outras sombrias, quase entristecidas;

Sobre a paleta de emoções manchadas,
pincéis adormecidos no abandono
das minhas mãos vazias e caladas;

É tudo que me resta e hoje insiste
em povoar da minha noite o sono,
num sonho alegre de acordar tão triste.



POETAS DO MAR

Esses poetas, pobres cantadores,
fazem do mar caminhos enfeitados,
das ondas velhos temas musicados,
da areia versos ternos, sonhadores.

Esses poetas, barcos ancorados,
que oscilam leves, refletindo cores,
brincam a espera de voltar amores,
pelos seus versos de maré molhados.

Esses poetas de olhos coloridos,
pintam no Céu seus dias bem vividos
e sobre a areia a ausência de temores.

Se o mar adormeceu e o Céu, deserto,
chorar sem luz, se calarão por certo,
esses poetas, nobres sofredores.

SONETO DE ESTAR SÓ

Caminho a noite insólita e calada,
buscando luz na fria escuridão,
deixando atrás a minha voz magoada,
que muitas vezes já cantou em vão.

Caminho o mar em longa debandada,
levando o velho barco pela mão,
deixando a areia de maré molhada,
beijando a praia envolta em furacão.

Caminho o Céu sem nuvens, tão deserto,
em luta aberta contra o sol ardente,
deixando os rastros do meu rumo incerto.

Caminho o chão, coberto pelo pó,
levando prantos de seguir contente,
deixando risos de tombar tão só.

SEM ELA

Chorei pela primeira vez quando nasci
e minha mãe chorando e rindo me embalava.
Amei pela primeira vez quando senti
que minha mãe feliz da vida me beijava.

Cantei pela primeira vez quando parti
sem ver que às escondidas minha mãe chorava.
Sofri pela primeira vez quando não vi
sem minha mãe, lá fora a vida que eu sonhava.

Cantei pela segunda vez quando escrevi
à minha mãe uma cartinha onde eu falava
que do primeiro amor eu nunca me esqueci.

Chorei pela segunda vez depois que eu vi
que minha mãe já não sorria e não chorava
e, desde então, sem ela, triste envelheci.

SONETO DA CHUVA

A chuva fina cai com tanta graça,
que a sua elegância fria de aristocrata,
são como pérolas em fios de prata,
ornando o colo humilde da vidraça.

À contra luz, numa fusão sensata,
o meu olhar iluminado passa,
como a liberta ave que esvoaça
uma canção na sua voz inata.

Ornamentado o chão de poças d'água,
a chuva canta afugentando a mágoa,
com seu balé de gotas irriquietas.

A chuva é a lágrima do Céu que enfeita
a natureza e que depois se deita
sobre os ingênuos versos dos poetas.

CAMINHOS

Por todos os caminhos que eu segui,
qual um menino em busca de um brinquedo,
farto de espera logo percebi
que havia chegado à mágoa muito cedo.

Por todos os amores que eu vivi,
buscando em cada um vibrante enredo,
imerso em ilusões não consegui
guardar nenhum guisa de segredo.

Por todos os caminhos que eu voltei,
olhos cansados, corpo envelhecido,
não pude ver as flores que eu deixei.

Por todos os sorrisos que lá fora
deixei ficar, meu verso entristecido
canta feliz a dor que eu sinto agora.



MICHELANGELO

Gênio de pedra, humana criatura,
queres ouvir a voz dessas montanhas,
ou arrancar talvez das tuas entranhas,
a criação genial da tua bravura?

Se vês, por entre as nuvens que acompanhas,
imagens tantas, volta à tua pintura
e a obra tua completas com ternura,
sem recalçadas mutações estranhas.

Toma o calor do sol que o corpo aquece
e põe essa escultura que enobrece
a criação do gênio que tu és.

Toma as estrelas e recolhe delas,
um punhado de luzes, as mais belas
e põe no humano olhar do teu Moisés.

TARDE DEMAIS

Um dia, sorrindo, tu por mim passaste,
olhei-te e tu, com toda tua vaidade,
qual uma flor que já despetalaste,
deixaste-me chorando de saudade.

Amor, carinho, tudo recusaste,
partindo em busca da felicidade
e onde luzes, flores encontraste,
deixaste a treva e espinhos da maldade.

Hoje, chorando, para mim voltaste,
olhaste-me e sorriste com bondade,
qual uma luz no pranto que choraste.

Tarde demais, querida, regressaste,
é de outro amor essa felicidade
que um dia, sorrindo, para trás deixaste.

SOLIDÃO

Caminho a passos lentos, cadenciados,
pisando firme o chão da minha estrada,
na embriaguez da solidão do nada,
terno contraste com meus dias passados.

Por certo, espinhos deixarão marcados
meus pés, ao fim da longa caminhada,
e as emoções por mim dissimuladas,
hão de calar meus ideais sonhados.

Sei que meus versos seguirão meus passos
e quando a noite, tendo-me em seus braços,
velar meu sono sob a luz de estrelas,

Eu cantarei minha canção de amá-las,
sentindo no infinito de tocá-las,
a solidão amarga de não vê-las.

ANTES, AGORA E DEPOIS

Eu ontem acordei infeliz, cantando
tudo que o mundo tem de negativo
e, indiferente, para trás deixando
tudo que a vida traz de positivo.

Eu hoje amanheci feliz, buscando
da natureza um lírico motivo
para os momentos meus ornamentando,
afugentar o mal do qual me esquivo.

Eu hoje amanheci feliz, querendo
as mutações da vida enaltecer
e só de amor meus dias ir vivendo.

Meu antes sussurrando então me diz
que o meu agora é só adormecer
para acordar no meu depois feliz.

RAZÃO DE SER

Venho de longe, pelas profundezas,
lá das ruínas ternas dos teus braços,
picadeiro sensual de mil palhaços
satirizando históricas proezas.

Acordo a profecia dos meus passos,
emaranhando-se nas correntezas,
jogando às praias, pedras de incertezas,
ferindo os grãos de areia de estilhaços.

Quando voltar o tédio aos olhos meus,
de novo o ritual dos braços teus,
aquecerá meu corpo de cansaços.

E quanto mais desejo ser eu mesmo,
mais eu me perco procurando a esmo,
minha razão de ser feita em pedaços.

NOSSA VIDA

A nossa vida, essa coisa estranha
que as vezes enfeitada nos festeja,
às vezes turbulenta nos despeja
um vendaval de mágoas com sua manha.

Quando vaidosa a escolha nos enseja,
a gente nunca sabe quando ganha
a luta aberta e ela nos apanha
impondo condições que ao fim deseja.

Há sofrimento logo à nossa entrada
quando a primeira rija bofetada
vem acordar nosso primeiro pranto.

Depois, sorrindo pela sua mão
ela nos leva ao mundo de ilusão
para acordar nosso primeiro canto.

MEU CASTIGO

Quero sentir teu corpo nos meus braços,
extasiado, farto de calor,
afugentar a timidez do amor
e adormecer meu corpo de cansaços.

Quero sentir nos lábios teus a dor
que traz o riso amargo dos palhaços
e transformá-la, em todos os espaços,
no agudo espinho que embeleza a flor.

Quero sentir em ti um novo mundo
envolto em ânsias de sabor profundo
que embala e fere as horas de prazer.

Quero sentir em ti o meu castigo
dormindo as noites de sonhar contigo
para acordar, sorrir, depois morrer.

NADA MAIS

Há tempos procurei no impenetrável
mistério das estrelas, ofuscantes
bailarinas das noites cintilantes,
meu poema de luz inolvidável.

E vejo agora por alguns instantes,
nessa dança de luz interminável,
os caminhos de um sonho formidável,
sem frustrações ou mágoas excitantes.

E de esperança meu amanhecer
e de ansiedade as horas de viver
sem amarguras em lutas desiguais.

São de perdão as vozes do meu pranto
e de consolo os versos do meu canto,
em busca do infinito e nada mais.

QUEM FOI

Quem foi que aos meus ouvidos murmurou
uma palavra amiga, tão baixinho,
que a brisa da manhã, quando passou,
deixou em meu rosto um gesto de carinho?

Quem foi o seresteiro que juntou
sua voz à voz de um passarinho
e as minhas horas tristes transformou
numa canção para alegrar meu ninho?

Quem foi que tantas flores atirou
na minha estrada e as pedras removeu
e os passos meus, de espinhos libertou?

Quem, de mãos dadas, me guiou assim
e pra cantar a vida me escolheu?
Foi o infinito amor que existe em mim.



AGORA

Agora não dá mais. Eu já tentei
tudo o que poderia ser tentado
para esconder meu pranto derramado
por todos os caminhos que passei.

Agora não dá mais. Engalanado
de amor e de humildade, eu disfarcei
as mágoas com sorrisos e já cantei
tudo que poderia ser cantado.

Agora não dá mais. Até meus sonhos,
cansados de inspirar versos risonhos,
sentiram minhas lutas desiguais.

E os meus poemas, fartos de enganar,
disseram-me baixinho, sem me olhar:
— Artista amigo, agora não dá mais.

AS ARMAS

As armas que eu manejo em minha luta
não são iguais as das cruéis batalhas,
que ao inimigo enreda em suas malhas,
acobertadas pela força bruta.

As armas que eu manejo não tem falhas,
não jorram sangue ao fim de uma disputa,
não são guiadas pela trama astuta
e não reduzem fracos a migalhas.

As armas que eu manejo são tão puras,
que, neste mundo farto de loucuras,
caminham sós em busca de um abrigo.

As armas que eu manejo são meus versos,
que de mãos dadas, pelo amor imersos,
hão de vencer, ou morrerão comigo.

TEMÁTICAS

Longe de mim quero essas exóticas,
ridículas e esdrúxulas temáticas
que, alimentando situações caóticas,
promovem realidades sistemáticas.

Longe de mim quero essas eróticas,
sensuais e violentas problemáticas
que infestam as festivas, mas neuróticas
vidas humanas sob o mal estáticas.

Longe de mim quero apoteóticas
exaltações vulgares e bombásticas
de inspirações vazias e despóticas.

Longe de mim quero essas eufóricas
linguagens literárias tão enfáticas,
pois não serão jamais obras históricas.

BALE DE ESTRELAS

A noite imensa é o meu salão de danças
com seu balé de luzes das estrelas,
onde os meus olhos ávidos por vê-las
parecem rir sorrisos de crianças.

Se um dia me fosse dado o dom de tê-las
em minhas mãos crivadas de lembranças,
renasceriam risonhas esperanças
de amá-las muito mais que compreendê-las.

Suas mutações de luzes são constantes,
como se fossem lágrimas flamantes
num ritual de francas gargalhadas.

Talvez o pranto sorridente delas
tenha levado pra dançar com elas,
da minha noite as magoas disfarçadas.

SE

Se eu descobrir um meio de apagar
alguns momentos tristes que passei,
ou pelo menos de não mais lembrar
as frustrações dos sonhos que sonhei...

Se eu descobrir um meio de calar
a voz que lembra os versos que cantei,
ou pelo menos de não mais cantar
as lágrimas de amor que derramei...

Se eu descobrir um meio de fingir
indiferença por alheia dor,
ou pelo menos de não mais sorrir

pra disfarçar a minha dor secreta,
eu provarei que a culpa é só do amor,
que fez de mim um tolo, um poeta.

CAMINHAR

Feliz é aquele que caminha a vida
como uma leve pluma que flutua
e em cada novo espaço perpetua
do seu destino a imagem colorida.

Feliz é aquele que caminha a rua
em liberdade, de cabeça erguida
e em cada novo passo enfrenta a lida
sobre a calçada, ou sobre a terra nua.

Feliz é aquela caminha à noite
e que recebe cada novo açoite
como se fosse o beijo de uma estrela.

Feliz é aquele que caminha o amor
E como eu disfarça a própria dor,
achando a vida cada vez mais bela.

RESIGNAÇÃO

Caminho a noite insólita e calada,
buscando luz na grande escuridão,
deixando atrás a minha voz magoada,
que muito tempo já cantou em vão.

Caminho o mar em longa debandada,
levando o velho barco pela mão,
deixando a areia de maré molhada
beijando a praia envolta em furacão.

Caminho o Céu sem nuvens, tão deserto,
em luta aberta contra o sol ardente,
deixando os rastros do meu rumo incerto.

Caminho o chão, coberto pelo pó,
deixando a força de se erguer contente,
resignado por tombar tão só.

VERSOS DE SORRIR

A Cruz é leve para quem aceita
levá-la sempre com carinho e amor
e a enxada é leve para o lavrador
que espera confiante a boa colheita.

E breve o caminhar do viajar,
quando uma sombra o corpo seu estreita.
É breve a mão que ataca insatisfeita,
quando outra mão a afaga com calor.

E bom de ver-se sempre a mão amiga,
que, se estendendo, a outra mão abriga,
para ajudá-la ao menos a pedir.

E bom de ver-se que um poeta triste,
emoldurado pela dor, resiste
e canta a vida em versos de sorrir.

EU AMO A LUZ

Eu amo a luz e adoro a claridade
do sol que nos tortura e nos castiga
e odeio a noite, fria escuridade,
embriagadora que se diz amiga.

Eu amo a luz que mostra a realidade,
que qual o vento a face nos fustiga
e odeio a noite mansa, que a maldade.
vela do rosto humano e tece a intriga.

Eu amo a luz e sei que se na face
a alma não vemos como um rude açoite
é porque o mal, talvez, já nos cegasse.

E amando a luz que o mal e o bem revela,
odeio sempre mais e mais a noite,
vivendo acovardado dentro dela.



VAN GOGH

Louco. Por que busca o belo tanto,
como o querer que a imensa natureza,
ignorando de tua alma o pranto,
povoasse os olhos teus só de beleza?

louco. Por que cobriste com teu manto
desabrigadas vidas na incerteza,
levando às almas teu humilde canto,
pregando a fé em toda a sua grandeza?

Louco porque buscando a luz de estrelas,
teus pés sangrando acariciavam cardos,
quando os pincéis acariciavam telas.

Louco porque na confusão das cores,
fugiste à vida e aos teus pesados fardos,
deixando a arte contorcendo em dores.

TEMÁTICAS

Longe de mim quero essas exóticas,
ridículas e esdrúxulas temáticas
que, alimentando situações caóticas,
promovem realidades sistemáticas.

Longe de mim quero essas eróticas,
sensuais e violentas problemáticas
que infestam as festivas, mas neuróticas
vidas humanas sob o mal estáticas.

Longe de mim quero apoteóticas
exaltações vulgares e bombásticas
de inspirações vazias e despóticas.

Longe de mim quero essas eufóricas
linguagens literárias tão enfáticas,
pois não serão jamais obras históricas.

BRINCANDO A VIDA

Eram olhos crianças, saltitantes,
das horas de tristeza, indiferentes,
à mingua de brinquedos, mas, contentes,
brincando a vida em todos os instantes.

Eram olhos moços e tão valentes,
alimentando ideias excitantes,
coleccionando amores inconstantes,
brincando a vida de sorrisos quentes.

Eram olhos homens e de humildade,
de amar a arte, de sentir saudade,
brincando a vida de amores.

São olhos tristes de chorar sozinhos,
compondo versos fartos de carinhos,
brincando a vida de esquecer suas dores.

EU E O SONETO

Eu e o soneto, juntos caminhamos,
ora lembrando nosso dia antigo,
ora enfeitando nosso humilde abrigo
para esperar o mundo que sonhamos.

Eu e o soneto, esse velho amigo,
às escondidas muito já choramos,
magoados no abandono em que ficamos,
embora injusto fosse um tal castigo.

Eu e o soneto, em ilusões imersos,
nos propusemos a cobrir de versos
o novo pranto que virá depois.

Eu e o soneto, fartos de alegrias,
vemos a vida envolta em fantasias,
enquanto o tempo não separa os dois.

TEU SER

Os olhos teus de alegre fantasia
têm brilhos tristes e descoloridos,
teu riso tem cristais desconhecidos
e os teus cabelos algo que extasia.

Teu corpo serpenteia entre gemidos
no ritual audaz da sinfonia
que embala a alma em doce nostalgia,
ferindo o ar de sons amortecidos.

Teu beijo cálido, sensual, sereno,
traz um sutil e pérfido veneno
que faz este mortal sentir-se eterno.

Vem do teu ser, mulher, tanto prazer
que nos teus braços sinto-me viver,
sonhar no Céu para acordar no inferno.

IMPRESSIONISMO

Ando perdido de sonhar meus dias,
na obsessão de uma abstrata esfera,
onde acalento apenas alegrias,
indiferente à realidade austera.

Ando perdido, só, de mãos vazias,
acariciando o nada de uma espera,
onde não quero, com palavras frias,
alimentar a voz que desespera.

Ando perdido de esconder meu pranto,
no impressionismo vago da ilusão,
sorrindo a ingenuidade do meu canto.

Ando perdido de buscar estrelas,
para açoitá-las de luz a escuridão,
fingindo a brincadeira de colhê-las.

MARCAS DO TEMPO

Se acreditassem que inacreditáveis
e progressivas marcas insensíveis
desse andarilho tempo de insondáveis
e iluminadas trevas invisíveis

não maculassem com imaculáveis
e desiguais feridas corrosíveis,
pecados puros, vãos, mas perdoáveis,
não condenassem erros corrigíveis,

não revivessem mortes impassíveis,
não mutilassem vidas intocáveis,
não ativassem chamas perecíveis,

se não falhassem mundos infalíveis
e não findassem hoje infindáveis,
os amanhãs seriam mais visíveis.

sextilhas

AMOR INFINDO

Pela janela eu vejo o sol sorrindo
e o dia todo vaidoso, se vestindo
de luzes multicores e festivas.
A solidão que existe em mim se agita
e em desespero abraça-me e grita
para perder-me de emoções mais vivas.

Eu procurei fugir pela janela,
mas quando fui eu aproximando dela
senti que algo ao quarto me prendia.
Então sobre o papel a minha mão
passiva, obedecendo a inspiração,
fez renascer em mim a poesia.

Prefiro, às vezes, um instante triste
saber que em mim a solidão existe,
mas ver lá fora o dia sempre lindo.
A mágoa traz depois de cada sonho
nos mais humildes versos que eu componho
a natureza de amor infindo.



DEPOIS DA CHUVA

Depois da chuva o mato está sorrindo,
dançando os braços verdes refletindo
a luz do sol nas folhas gotejantes.
As águas sobre o leito espreguiçando
acordam enfeitadas deslizando,
para saudar as margens verdejantes.

Depois da chuva o lavrador cansado
descansa a enxada sobre o chão molhado,
sorrindo ao fim de sua longa espera.
Olha os seus pés que firmes vão calcando
o chão que às vezes caminhou chorando
ao vê-lo triste sob a seca austera.

Depois da chuva todos os telhados
que pelo Céu estão emoldurados
mancham de sombras as paredes quietas.
As árvores acenam impacientes
aos pássaros libertos, que contentes
beijam as folhas verdes e irriquietas.

Depois da chuva, pés descalços pulam
brincando as poças d'água, gesticulam
crianças paradas pelo chão.
Suas vozes se misturam com o canto
da chuva em forma de sentido pranto,
vestindo a natureza de ilusão.

Depois da chuva, quando tudo canta,
a poesia acorda e se levanta,
pois seu caminho de sorriso é a meta.
Então, as mágoas ficam para trás
e a chuva vem musicando a paz
para enfeitar o canto do poeta

.

HÁ SEMPRE UMA RAZÃO

Há sempre uma razão em cada gesto
e em cada frase um pouco de protesto,
que deixa triste quem caminha só,
como se fosse, à margem de uma estrada,
a pedra bruta, inerte e desgastada,
acariciada apenas pelo pó.

Há sempre uma razão rondando a porta
de quem alcança o riso que conforta
e, como eu, engana a própria dor,
como se fossem passos de um espinho
ferindo a folha, em forma de carinho,
para viver mais perto de uma flor.

Há sempre uma razão no riso triste,
que no meu dia entardecido existe,
emoldurando o meu olhar magoado,
como se fosse a máscara ferida,
de uma alegria que viveu perdida
na cara do palhaço mais gozado.

Há sempre uma razão quando eu componho
e o verso traz depois de cada sonho,
um pouco da tristeza tão antiga,
como se fosse a árvore agitada,
que o vento deixa toda desfolhada,
privando alguém de sua sombra amiga.

Há Sempre uma razão quando meu canto
embarga minha voz farta de espanto,
e se transforma no meu grito incerto,
como se fosse a voz de um passarinho,
cantando o sonho de voltar ao ninho,
a transformá-lo em pássaro liberto.

Há sempre uma razão nos sofrimentos
de quem, amando em todos os momentos,
se apega mais às horas de sofrer,
como se fossem ondas espumantes,
que vem beijar areias escaldantes,
voltando ao mar, depois, para viver.

Há sempre uma razão na fantasia
que humilde envolvendo a poesia,
descortinando ao mundo suas imagens,
como se fosse o pão de cada dia,
a terna oferta, onde o poeta envia
o seu amor em forma de mensagens.

SÚPLICAS

Eu sinto a noite escura e tão vazia,
como se fosse o grito de agonia
da luz que se acovarda e que se esquiva.
Vês? Não me acordes nunca do meu sonho.
São filhos seus os versos que eu componho
e a luz que nasce na manhã festiva.

Eu sinto a solidão seguir meus passos
e me estreitar, sorrindo, nos seus braços
como se fosse o berço do poeta.
Vês? Não me acordes nunca do meu sono,
onde a poesia dorme no abandono
do amor que embala minha dor secreta.

Eu ouço, em cada voz que passa, um grito
de desespero, em busca do infinito,
como se fosse a mágoa de uma fera.
Vês? Não despertes minha voz que cala
e que se prostra onde o silêncio embala
todas as horas de quem sonha e espera.

Em sombras meu olhar busca uma estrela
na noite triste, apenas para vê-la
levando pelas mãos meus ternos passos.
Vês? Não me deixe caminhar sozinho,
buscar tão longe um pouco de carinho,
quando tão perto eu vivo dos teus braços.

VELHA CRIANÇA

Às vezes eu me ponho de menino,
neste meu mundo ingênuo e pequenino,
para brincar a infância que não tive.
A minha volta tudo é só brinquedo,
sempre guardado à guisa de segredo,
onde a esperança em cada canto vive.

Eu gosto de falar com animais,
em diálogos sensatos e informais,
sem discussões e sem ressentimentos.
Gosto de ouvir as flores e as plantas,
contar a elas novidades tantas,
ouvindo seus humildes pensamentos.

Gosto de ouvir os pássaros cantores,
ornando o Céu de asas multicores,
onde flutua em paz o meu olhar.
Eu gosto de ficar do rio à margem,
ver refletida nele a minha imagem,
que a brisa acariciante faz dançar.

Depois que a noite vem, escura e triste,
de novo o mesmo velho em mim existe,
das horas de tristeza e de lembrança.
Mas quando estrelas com sorrisos francos
brincam de luzes meus cabelos brancos,
eu durmo o sonho de acordar criança.

CONFISSÃO

Eu não tenho coragem de negar,
indiferente, como minhas mãos de dar,
a quem estende as suas de pedir.
Eu não tenho coragem de calar
as horas minhas tristes de chorar,
por mais que eu queira e lute pra sorrir.

Eu não tenho coragem de enfeitar
as minhas longas noites de sonhar,
como se eu fosse o dono das estrelas.
Eu não tenho coragem de tocar
as luzes da manhã, pra iluminar
as minhas mãos, com medo de perdê-las.

Eu não tenho coragem de arrancar
as pedras dos meus passos de passar,
como se eu fosse o dono dos caminhos.
Eu não tenho coragem de querer
Só para mim as flores de viver,
com tanta gente à mingua de carinhos

Eu não tenho coragem, afinal,
de nos meus versos desprezar o mal
que cerca sempre como ilusões do amor.
Pois, nos prazeres tênues desta vida,
de vez em quando nasce uma ferida,
como um espinho nasce um flor.

LEILÃO

Quanto me dão por um montão de sonhos,
de pensamentos ternos e risinhos,
acumulados por um homem triste?

Quanto me dão por um montão de versos,
que vivem solitários e dispersos,
entre os guardados onde o amor existe?

Quanto me dão por um montão de rostos,
que, à minha volta, fartos de desgostos,
caminham sós e tão resignados?

Quanto me dão por um montão de festas,
que pela noite, à mingua de serestas,
dançam de sombras meu olhar magoado?

Quanto me dão por um montão de medo,
que vem guardado à guisa de segredo,
no coração antigo de um artista?
Quanto me dão por um montão de arte,
magoada de abandono em toda parte,
por mais que em mim permanecer insista?

Quanto me dão por um montão de canto,
como se fosse o acorde do acalanto,
que embala o sono, ingênuo das crianças?
Quanto me dão por um montão de dias,
emoldurando só de fantasias
as minhas mãos crivadas de lembranças?

Uma palavra amena de perdão
é quanto vale neste instante, então,
toda essa festa em mágoa transformada?
Senhor, Não acho justo. É bom demais
o preço por horas desiguais
de quem viveu oferecendo nada.

.



BARREIRAS

Barreiras tantas eu ultrapassei
pelos caminhos todos que eu andei,
que hoje posso caminhar em paz.
Não vi nenhuma com a força bruta
que eu impedisse de seguir a luta
e sim vencida uma etapa a mais.

Quando trazemos nossa alma em festas,
decepções e mágoas são arestas
que deixam de existir se aparadas.
Mas quando a alma em dúvidas se esquiva
e dos temores mostra-se cativa,
tudo é mais triste ao longo das estradas.

Quando me assalta algum pressentimento
de ver o fim da estrada, é o momento
de caminhar atalhos encontrados.
Assim se alonga a estrada e vou seguindo
compondo versos de calor infindo
de compreensão e amor ornamentados.

Então barreiras são ultrapassadas,
arestas mais agudas aparadas,
quando de fé a alma está enfeitada.
Feliz eu vou vivendo e me envaideço,
Embora tido tenha um alto preço,
a fé comanda e o reduz a nada.

GOSTO DE VER

Gosto de ver o sol
com sua luz ferindo
todos os telhados,
ricocheteando
nas vidraças,
esparramando-se
nas paredes,
emolduradas
pelas sombras
no chão.

Gosto de ver as estrelas
com suas luzes ferindo
todos os rios
ricocheteando
nas montanhas,
esparramando-se
nos caminhos,
emoldurados
pela noite
em festa

Gosto de ver as crianças
com seus sorrisos
ferindo todos
os brinquedos,
ricocheteando
nos jardins,
esparramando-se
no amanhã,
emoldurados
pela esperança
de viver

Gosto de ver
quando ela passa,
o meu olhar ferindo
todo o corpo dela,
ricocheteando
nos seus lábios,
esparramando-se
nos seus olhos
emoldurados
pelos cabelos
soltos no ar.

Gosto de ver a poesia,
com seus versos
ferindo a natureza,

ricocheteando
no infinito,
esparramando-se
no amor,
emoldurados
pela vida,
que sorri ao ver
que eu vejo sempre
tão bonita

SOBRE O AUTOR



Pérez Filho (Hélio Fernandes) nasceu em 06/06/1917, na cidade de Avanhandava, no Estado de São Paulo. Pintou o primeiro quadro aos 13 anos, "Jesus no Horto das Oliveiras", e iniciou na poesia aos 19. Foi professor de desenho e fundou as Escolas de Desenho e Pintura de Penápolis e de Belas Artes de Bauru. Fez teatro amador, escreveu, produziu, dirigiu, interpretou e criou coreografia e, ao longo de sua carreira, também foi pintor de propaganda de cinema. Em 1972 pintou seu último quadro, "Cristo na cruz".

Em 1980, lançou seu primeiro livro de Poesias, "Há sempre uma razão", participou de diversos recitais de poesia e mostras de pinturas e esculturas em diversas cidades do Estado de São Paulo, tornando-se Membro Honorário da Academia Bauruense de Letras.

Em 1987, publicou o livro "Vidraça Antiga" e, em 1998, o livro "Os que vem de longe". Sua obra foi publicada pela primeira vez na internet em 1996, no site www.perezfilho.com.br.

Faleceu em 29/06/1998, aos 81 anos, deixando um livro inédito, "Sonetos de Pérez Filho", publicado em 2021.

Índice

trovas	6
poesias diversas	22
MEU PRIMEIRO AMOR.....	23
CONSUMATUN EST	25
SONHO QUE CONFORTA	26
CONSELHO	27
MEU VIOLÃO E EU	29
EU SOU.....	30
DIÁLOGO	32
MEU CANTO TRISTE.....	33
ONTEM E HOJE	34
EU SOU DE ONTEM	36
RECEIO.....	37
DOS CARNAVAIS.....	38
FOLHAS SECAS.....	39
TALVEZ.....	40
MULHER	42
NÃO SOU SENHOR	43
CAVALGADA	45
A ANGÚSTIA DO TEMPO	46
POEMA DE LEMBRAR MINHA MÃE.....	48
POEMA DA MINHA RUA.....	51
OS SORRISOS PASSAM	53
SEM DESTINO.....	54
OTIMISMO	55
PRIMAVERA	56
NÃO SOU POETA	57
SERESTA.....	58
O VENTO PASSA.....	59
sonetos	60
IMAGENS.....	61

POETAS DO MAR.....	63
SONETO DE ESTAR SÓ	64
SEM ELA	65
SONETO DA CHUVA.....	66
CAMINHOS	67
MICHELANGELO	69
TARDE DEMAIS.....	70
SOLIDÃO.....	71
ANTES, AGORA E DEPOIS.....	72
RAZÃO DE SER.....	73
NOSSA VIDA.....	74
MEU CASTIGO.....	75
NADA MAIS	76
QUEM FOI.....	77
AGORA.....	79
AS ARMAS	80
TEMÁTICAS	81
BALE DE ESTRELAS.....	82
SE	83
CAMINHAR.....	84
RESIGNAÇÃO.....	85
VERSOS DE SORRIR.....	86
EU AMO A LUZ	87
VAN GOGH	89
TEMÁTICAS	90
BRINCANDO A VIDA	91
EU E O SONETO	92
TEU SER	93
IMPRESSIONISMO	94
MARCAS DO TEMPO	95
sextilhas	96
AMOR INFINDO	97
DEPOIS DA CHUVA	99

HÁ SEMPRE UMA RAZÃO.....	100
SÚPLICAS.....	102
VELHA CRIANÇA	103
CONFISSÃO	104
LEILÃO.....	105
BARREIRAS.....	107
GOSTO DE VER.....	108
SOBRE O AUTOR.....	110